

## **Domingo de Ramos e da Paixão**

### **1ª leitura (Antigo Testamento) – Isaías 45:21-25 ou 52:13 – 53:12**

Ambos textos pertencem ao "*Livrinho da Consolação*" que é a segunda parte do Livro do Profeta Isaías (40-55). Nesta parte da profecia de Isaías se busca preparar o povo para um novo tempo que começa com o fim do sofrimento (do exílio) e a possibilidade real de volta a terra prometida para a construção de uma nova sociedade. A mudança da perspectiva pessimista para a otimista se dá pela ascensão político-militar do rei Ciro da Pérsia que é chamado em Isaías 45:1 de "Messias" ou "Ungido".

O primeiro texto (45: 21-25) faz parte de um gênero literário de julgamento (processo judicial) comum no Antigo Oriente. Na verdade a passagem, do ponto de vista literário, começa no versículo 20. Os convocados para o julgamento são todos os povos que sofreram durante o domínio babilônico ("vos que escapastes das nações") e a acusação é contra os que carregam imagens de escultura que não podem salvar.

Antes de avançar para o julgamento em si é bom esclarecer que na época as divindades eram vinculadas ao Estado Nacional. Cada nação tinha uma ou mais divindades principais que concedia o poder aos seus governantes. Ao propor um julgamento cujo júri são os povos oprimidos pela Babilônia colocam no banco dos réus as divindades que sustentavam esse império. Quem será o Deus verdadeiro SENHOR? (v.21)

A intenção desta profecia é mostrar ao povo exilado que os próximos acontecimentos, a saber, a queda da Babilônia e a consolidação do Império Persa seriam a realização da vontade do SENHOR. Isso não era o que o próprio Ciro pensava, pois ao tomar Babilônia ele reivindicou ser o verdadeiro adorador de Marduk (divindade nacional babilônica). No entanto esta pregação pouco se importava com a opinião do Rei Persa. O interesse maior era animar (que nada mais é que consolar) o povo que durante mais de 40 anos tinha sido escravo e, de certa forma, tinha se "acostumado" a esta condição. A tese é que enquanto as divindades feitas de madeira e pedra são destruídas, o SENHOR permanece para sempre e sua vitória finalmente será reconhecida por todos os povos (v.22 -24). Este Deus é o SENHOR de Israel (aparentemente pequeno e abandonado no exílio) que finalmente lhe manifestará sua glória (25). Por isso a profecia chama a atenção para os acontecimentos históricos que sempre foram e serão a "sala de aula" do SENHOR da História.

O segundo texto para este domingo pertence a outro grupo de textos característicos de Isaías 40-55 chamados: "Cantos do Servo Sofredor". Há varias explicações sobre quem seria este "servo sofredor" (52:13). O servo sofredor poderia ser o próprio povo que tendo completado todo seu sofrimento no exílio agora seria redimido ou restaurado. O servo poderia ser também um "messias" (como Ciro) só que escatológico que redimiria finalmente e para sempre o povo de Israel. Mesmo que como cristãos tendamos a ver a segunda possibilidade não se deve descartar a primeira do ponto de vista histórico. Quando se pergunta "Quem creu na nossa pregação? " (53:1, Almeida) trata-se claramente do povo exilado. No entanto a partir do versículo 4 muda a direção do discurso e parece ser uma pessoa diferente do povo (como um rei

escatológico) capaz de carregar os males, sofrer as dores e finalmente vencer todos os inimigos. Nasce aqui o paradoxo da Cruz que é uma vitória que antes de vencer o sofrimento mergulha total e intensamente nele, coisas que este povo como todos os povos oprimidos entendem muito bem. (HMG)

## **2ª leitura (Epístola) – Filipenses 2.5-11**

A Carta aos Filipenses é uma composição de duas ou mais cartas escritas pelo apóstolo à mesma Igreja. Foi uma comunidade que muito cooperou com S. Paulo e lhe deu muita alegria, mas também lhe deu muitas preocupações. Houve conflitos internos entre os líderes. Para a reconciliação deles e da Igreja como um todo, o apóstolo recorreu ao próprio significado da realidade de Jesus Cristo. O texto é muito rico em reflexão sobre Deus e Cristo. Trata-se de um hino talvez já em uso. Há discussões sobre isso e o lugar da contribuição paulina como um retoque.

Vs.5 - é uma exortação cuja direção a seguir está nos vs. 1-4: trabalhem pela comunidade/comunhão, não corram atrás dos interesses próprios, não façam nada por rivalidade, mas que a atitude e realidade de Jesus Cristo sejam a inspiração e modelo para a construção da vida comunitária. Isto nos mostra que o trabalho pastoral da Igreja é inspirado e orientado pelo que a comunidade entende pela ação de Deus Triúno.

Como no texto de Isaías, há dois movimentos: humilhação e exaltação. Vs. 6- 8 e 9-11. Também a figura do Servo em Isaías está presente. Aliás, o texto do Servo sofredor se faz presente como citação ou eco em vários textos da humilhação e, principalmente, da crucificação de Jesus. Paul S. Minear, em seu artigo: *Cantando e Sofrendo em Filipo*, estabelece um paralelo entre dois poemas.

Ele (Cristo), sendo igual a Deus, não se apegou a esse privilégio, ao contrário, mostrou-se capaz de se humilhar a ponto de ser crucificado e dar-se a si mesmo. A liberdade de ser Deus mostrou-se nesse esvaziamento em favor de outrem. Deus reconheceu esse serviço e fez do Doador o Senhor sobre todas as coisas. Então, o senhorio de Deus é visto sob esse prisma. Por isso, dobrar os joelhos e confessar que Jesus é Senhor não é um "ritual" que se cumpre, mas é praticar a liturgia da vida, construir uma relação entre as pessoas, comunhão/comunidade do Deus da paz, morada solidária e acolhedora em amor correspondente ao que Deus fez em Cristo. Para isso Deus trabalha.

É bom lembrar-se de que esse senhorio ou soberania é também uma crítica a todas as formas de senhorio. Pois, no tempo apostólico, o império que crucificou Jesus aclamava o imperador como Kyrios, Senhor, Deus e Salvador. Esse hino de confissão e louvor tem, assim, seu caráter polêmico.

A leitura da Epístola nos mostra que a exortação pastoral está baseada no que Deus fez em Jesus Cristo e o que a humilhação e exaltação de Jesus traz o eco do grande poema do Antigo Testamento. (ST)

## **Santo Evangelho - Marcos 11. 1-11**

O texto do Evangelho deste domingo nos mostra os acontecimentos ligados à entrada de Jesus em Jerusalém, na semana de sua morte. O texto começa com a chegada de Jesus ao monte das Oliveiras e com o envio de alguns discípulos para buscar um jumentinho que levaria o Senhor em sua entrada triunfal em Jerusalém. O que temos aqui, na realidade, é a preparação de sua entrada triunfal.

A entrada triunfal pode ser vista, segundo o texto, a partir de duas perspectivas diferentes: quanto ao seu preparo e quanto ao seu séquito.

Em primeiro lugar, quanto ao seu preparo. Segundo o texto a preparação da entrada triunfal exige, por parte daqueles que a preparam, uma atitude de obediência. Senão vejamos. De acordo com o texto, Jesus "envia dois dos seus discípulos" (v. 1) para a aldeia que está adiante, para encontrar um jumentinho que serviria de meio de transporte para o Mestre. O verso quatro diz "então foram e acharam". Quando foram interpelados sobre o que estavam fazendo eles "responderam conforme as instruções de Jesus". (v. 6) Mas, além de uma atitude de obediência, o preparo da entrada triunfal, exige também, atitude de serviço. De acordo com o verso 7, quando o jumentinho chegou diante do mestre, os discípulos puseram suas vestes sobre o animal para que Jesus pudesse montar. O que o texto revela é que os discípulos, no afã de tornar a viagem mais cômoda, abriram mão de seus próprios mantos.

A obediência e a atitude de serviço são fundamentais para aqueles que querem preparar a entrada de Jesus em Jerusalém. Se pretendemos que as pessoas conheçam a Jesus; se queremos que o mestre seja recebido, não só em Jerusalém, mas em todas as cidades e em todos os bairros e em todos os lares, nós, enquanto discípulos, precisamos demonstrar obediência e espírito de serviço para com o Senhor e para com todos. Somos nós os que preparam a chegada do mestre. Somos nós quem apresentamos Jesus às cidades. Que o apresentemos com mais obediência e serviço.

Em segundo lugar, além de ver a entrada triunfal sob a ótica do seu preparo, é possível, também, vê-la sob a ótica dos espectadores. E quanto aos espectadores é possível notar a presença esmagadora do povo de Jerusalém. Mateus nos diz que havia uma multidão na entrada de Jerusalém. (Mt 21:9) Mas o que nos chama a atenção é a ausência, neste texto, das autoridades para recepcionar Jesus. Ninguém se apresenta para recepcionar o mestre, como acontecia com as grandes autoridades. Ninguém entrega, mal comparando os gestos, as "chaves da cidade". Somente o povo está presente. E seus gestos são significativos. Eles estendem seus mantos e ramos (v. 8) pelo caminho. Esta é uma referência à festa dos tabernáculos, e servia como sinal de gozo, de vitória e de liberdade, e também apontava para o reconhecimento da autoridade real de alguém. (ver II Reis 9:13) Mas além de seus gestos, há também suas palavras. Eles gritavam: "Hosana! Bendito o que vem em nome do Senhor!" (v. 9, 10) A expressão "hosa-na, significa: "salva-nos, agora!". É uma expressão de súplica. Esse pedido de socorro se transforma nas palavras de boas vindas para o Senhor.

Oxalá possamos também, demonstrar toda a dignidade real de Jesus estendendo nossos mantos, nossos paramentos, aos pés de Jesus e clamar com a mesma intensidade: Hosana nas alturas! (JLFA)